

O TRABALHO DAS MULHERES NA EXPLORAÇÃO DO PEQUI NO MUNICÍPIO DO CRATO-CE.

Antonia Mendes de Araujo¹
Cícero Erivaldo de Lima²

Resumo

A coleta do pequi na Floresta Nacional do Araripe é uma atividade realizada pelas comunidades situadas no entorno da Floresta Nacional - APA do Araripe, sobretudo, no município do Crato-Ceará. Tal atividade é desenvolvida por mulheres e homens e revela uma rígida divisão sexual do trabalho, além de evidenciar questões como risco à saúde das mulheres e exaustiva carga de trabalho que se confunde com o trabalho reprodutivo e invisibiliza o trabalho extrativista. O objetivo do presente estudo foi analisar a coleta do pequi pelas mulheres identificando as dificuldades enfrentadas por elas na rotina das atividades produtivas e reprodutivas, as relações de desigualdades de gênero presentes no cotidiano das comunidades e o impacto na saúde das mulheres.

Palavras-chave: gênero, mulheres, pequi.

Introdução

A coleta de frutos é uma atividade desenvolvida pelas comunidades tradicionais residentes na Área de Preservação Ambiental da Floresta Nacional do Araripe³ – APA do Araripe. Tal atividade foi, por muitos anos, fonte de alimentação e renda para moradores dos sítios, distritos e até das periferias dos centros urbanos localizados ao sopé da Chapada Nacional do Araripe.

A FLONA do Araripe, mesmo antes da sua criação no ano de 1946, sempre foi mantenedora dos recursos que garantiam a subsistência das famílias à partir da exploração de seus diversos produtos: sementes, madeira, frutos e até animais

¹¹ Graduada em Geografia – URCA - Pós-graduação em Geografia e Meio Ambiente
Antonia.araujo1@gmail.com

Casa Lilás – Cooperativa de Capacitação e Assessoria LTDA – Casa Lilás

² Graduado em Geografia - URCA
Ms. em Geografia – UFC

Professor da rede pública de educação – Secretaria de Educação do Município do Crato-Ce

³ Área de Proteção Ambiental da Floresta Nacional do Araripe – criada com o intuito de preservar espécies e proteger o patrimônio hídrico que a região detém.

silvestres. Assim, a vida das populações ali residentes estava condicionada à exploração da densa floresta, mas também da sua Área de Proteção Ambiental. Dentre os produtos explorados estão a fava danta (*Dimorphandra mollis*) e o pequi (*Caryocar brasiliense cambess*), cujos produtos são negociados no comércio local para uso na culinária local, para as indústrias de cosméticos ou indústria farmacêutica.

Vários estudos abordam questões essenciais para a diversidade e o equilíbrio ambiental da FLONA do Araripe, entretanto, a questão dos trabalhadores e suas relações com o meio são pouco referenciadas - ou seja, as pessoas que se envolvem na coleta do pequi entre os meses de novembro e março têm uma significativa alteração de suas dinâmicas cotidianas durante esse período. Por sua vez, as mulheres são as que têm a vida mais impactada por esse processo. Assim, a partir desse ponto, serão levantadas questões fundamentais que propiciarão uma maior reflexão acerca do trabalho dessas mulheres.

Alguns elementos acerca da dinâmica cotidiana das mulheres que se dedicam à coleta do fruto ainda requerem atenção, como o acúmulo desse trabalho conciliado a afazeres que elas já tinham – criação de pequenos animais, cuidado com lavouras e trabalho doméstico - ou a dificuldade de entender essa "tarefa" como mais um trabalho.

Assim, o objetivo deste estudo é analisar a prática do extrativismo vegetal ou coleta do pequi pelas mulheres no município de Crato-Ce, o qual será feito identificando as dificuldades enfrentadas por elas, as diferenças entre os trabalhos masculino e feminino, a percepção das mulheres a respeito do seu trabalho enquanto coletoras através de sua rotina nas atividades produtivas e de cuidado – dessa forma, esperamos compreender como se manifestam as desigualdades de gênero na comunidade referenciada. O foco da investigação são as mulheres que se dedicam à coleta do pequi e residem nas comunidades da Chapada do Araripe nos sítios Santo Antônio e Baixa do Maracujá, no município do Crato-CE.

Este artigo está dividido em dois itens. No primeiro – “A invisibilização do trabalho das mulheres e a coleta do pequi” – pretende-se destacar os desafios das mulheres na coleta do fruto e a difícil conciliação deste com o trabalho doméstico e de cuidados com a família.

No segundo item – “trabalho e adoecimento das mulheres na coleta do pequi e a ideologia de gênero” – serão abordadas questões relativas saúde das mulheres coletoras de pequi e a relação com as desigualdades de gênero ali observadas.

O presente estudo é parte do trabalho de conclusão do curso de especialização⁴ em Geografia e Meio Ambiente.

Para o estudo foi adotada a articulação entre as abordagens qualitativa e quantitativa, recurso muito utilizado nos estudos das ciências sociais em geral, e também nas pesquisas em Geografia (ALVES, 2008 P.3). Será reconhecida, entretanto, a predominância da abordagem qualitativa, já que a mesma tem por característica a busca pela compreensão do sentido das questões, ou seja, está relacionada à busca pelo significado, opinião e/ou percepção das pessoas (MINAYO, 2002).

A primeira fase da realização desse estudo foi definida como a pesquisa bibliográfica, a qual demarcou a fase exploratória da pesquisa, uma vez que se parte do arcabouço teórico para conseguir compreender a realidade do objeto estudado.

Em acordo com Alves (ALVES, 2008 P.3), existem muitas técnicas que podem servir às pesquisas em Geografia, entretanto, aqui foi utilizada a entrevista com roteiro semiestruturado, uma prática que o autor considera “adequada para a coleta de dados para as pesquisas qualitativas na Geografia Humana” (ALVES, 2008 P.3). Os dados foram obtidos junto a um grupo focal formado por mulheres coletoras de pequi e residentes no entorno da APA do Araripe utilizando-se de palavras geradoras que garantiram o desenvolvimento do diálogo com as interlocutoras. Conforme Minayo (apud TRAD, 2009):

O GF⁵ difere da entrevista individual por basear-se na interação entre as pessoas para obter os dados necessários à pesquisa. Sua formação obedece a critérios previamente determinados pelo pesquisador, de acordo com os objetivos da investigação, cabendo a este a criação de um ambiente favorável à discussão, que propicie aos participantes manifestar suas percepções e pontos de vista (apud TRAD, 2009, *On-line version* ISSN 1809-4481):

A escolha das interlocutoras se deu por meio de convite após visitas. A confidencialidade das mulheres foi garantida por se tratarem de relatos de vida, os quais poderiam revelar questões subjetivas/individuais que por ventura levariam a causar

⁴ Especialização em Geografia e Meio Ambiente. Universidade Regional do Cariri – URCA.

⁵ Grupos Focais.

algum transtorno às interlocutoras. Assim, e para evitar danos posteriores à pesquisa, foi elaborado um Termo de Consentimento Esclarecido, devidamente assinado por cada participante antes do início do grupo focal.

Após coletado, o material passou por um estágio de tratamento, sendo agrupado em temas que se relacionaram às categorias de análise. Cada grupo foi apresentado a um elenco de situações, a partir do qual a categoria de análise foi identificada, conforme a prevalência desta nos relatos dos interlocutores. Todo o agrupamento dos temas foi por aporte o referencial teórico-metodológico utilizado para a construção do diagnóstico da pesquisa.

Referencial Teórico

Para o desenvolvimento do estudo, as reflexões foram realizadas tendo por referência os conceitos de espaço, território (enquanto importante categoria de análise do espaço geográfico) e territorialidades.

A investigação acerca da atividade de coleta do pequi exigiu que recorrêssemos à concepção de espaço desenvolvida por Milton Santos apud Queiroz (2014, p. 156) na qual o “espaço é instância social e sua natureza é a *forma-conteúdo*”.

A forma é o aspecto material, porém não limitada à sua aparência e seu conteúdo pode ser subdividido em estrutura, funções e processos. As estruturas equivalem à natureza das formas e podem ser econômicas, políticas ou culturais. Nessa perspectiva, as funções são as atividades desenvolvidas pelos agentes e também são condicionadoras e subordinantes das ações. Os processos são os fluxos, as dinâmicas, as ações históricas e presentes que se originam, são destinadas ou ocorrem no interior de cada forma (QUEIROZ, 2014 p.155).

Assim, cabe observar como afirma Milton Santos, segundo Queiroz (2014, p.155) que cada forma tem seu conteúdo – estrutura, processo e funções. Entretanto, de acordo com Corrêa (2006) a forma “não pode ser considerada em si mesma, sob o risco de atribuir a ela uma autonomia de que não dispõe” (CORREA, 2006, p. 28).

A natureza do espaço geográfico no pensamento de Milton Santos é a dialética existente entre a inércia e a dinâmica, o inerte e o prático, a forma e o conteúdo, o espaço material e o espaço social. Assim como Milton Santos, o britânico David Harvey preconiza a dialética da natureza do espaço geográfico. Para Harvey, o espaço

Geográfico é formado pela “imaterialidade da dinâmica social e pela materialidade das infraestruturas do espaço”. (HARVEY *apud* QUEIROZ 2014)

Assim, segundo Queiroz (2014 p. 156) , o espaço geográfico no pensamento de Milton Santos é a totalidade do mundo, portanto, a totalidade do espaço “está presente na integração entre formas, estruturas, processos e funções e ainda na inseparabilidade entre produção, distribuição, troca e consumo” (SANTOS *apud* QUEIROZ, 2014 p 159). Nessa perspectiva, o espaço foi aqui analisado e definido enquanto:

(..) formado por um conjunto indissociável, solidário e contraditório de sistema de objeto e sistema de ações, sendo as formas que se representam as relações homem/natureza mais a vida que as anima. O sistema de objetos é considerado como tudo o que existe na superfície terrestre, todo resultado da ação humana e toda a herança natural. O sistema de ações é o conjunto de relações sociais de produção. (SANTOS, *apud* CAVALCANTI, RODRIGUEZ, SILVA, 2004, p. 55).

Eis que o espaço, no pensamento de Milton Santos, é um fato e fator social e não apenas reflexo social, o que significa afirmar que este não seria apenas meio para a ação da sociedade, mas é condicionado e condicionador, ou seja, uma instância social como as demais – economia, política e cultura, portanto, uma instância subordinada e subordinadora (QUEIROZ, 2014, p. 159).

No intuito de compreender as relações que se estabelecem no meio rural e a realidade das mulheres que coletam pequi, faz-se importante utilizar os conceitos de território e territorialidade. O território é um conceito caro aos estudos das mais diversas disciplinas, imprescindível, inclusive, à análise geográfica. Entretanto, as abordagens iniciais ligadas ao campo da Geografia, sobretudo a Geografia Política, estiveram ancoradas na concepção do “Estado enquanto o poder por excelência, fixando suas análises a escala do ‘território nacional’” (SOUZA,2006, p. 83).

O território surge na Geografia Política nas análises do geógrafo alemão Friedrich Ratzel⁶ enquanto “espaço concreto em si ocupado por um grupo social”. Sobre este aspecto, Souza (2006, p. 84) afirma que o território estava intimamente ligado à identidade de um grupo, de forma que a análise de uma prescindia o entendimento do outro.

A ocupação do Território é vista como algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sócio-cultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada

⁶ Vide *Politische Geographie* (RATZEL, 1974).

aos atributos do espaço concreto (natureza, patrimônio arquitetônico, “paisagem”). E mais: os limites do território não seriam, é bem verdade, imutáveis... mas todo espaço seria enquanto território, território durante todo o tempo, pois apenas a durabilidade poderia, é claro, ser geradora de identidade sócio-espacial, identidade na verdade não apenas com o espaço físico, concreto, mas com o território e, por tabela, com o poder controlador desse território (SOUZA, 2006, p. 84).

O discurso de Ratzel (RATZEL *apud* SOUZA, 1974) fixa a análise do território ao referencial político do Estado, o que, segundo o autor, nos revela um tipo específico de territorialidade: a do Estado-Nação, evidenciando a sua naturalização.

Com o movimento de Renovação da Geografia e outros embasamentos epistemológicos, o território também ganha novas abordagens e roupagem. Pode-se dizer que houve uma “revisão e atualização do debate acerca da abordagem territorial”, permitindo uma ruptura com a visão do território enquanto “suporte da sociedade” (SAQUET & SPOSITO, 2008, p.8). Assim, o território passa a ser entendido como:

Souza (2008) refere que diversas formas de organização espaço-temporal podem surgir sem a obrigatoriedade da superposição absoluta entre os atributos materiais e o território enquanto ‘campo de força’⁷. Significa que a definição de território despe-se da armadura ou engessamento de enraizamento preconizado por Ratzel e pela Geografia Política.

No pensamento de Milton Santos, o território não é organizado apenas pelo Estado e também não está restrito à dimensão política do espaço, ou seja, não é apenas um espaço delimitado pelas relações de poder. Antes disso, o Território no pensamento de Milton Santos baseia-se na concepção de Claude Raffestin, para quem o território é o “conjunto de sistemas de objetos e sistemas de ações” e também formado pelas diferentes territorialidades, uso e apropriação do espaço dos diferentes agentes (QUEIROZ, 2006, p 157).

Souza afirma ainda que territórios são relações sociais projetadas no espaço, revelando que a temporalidade dos territórios também não é engessada, uma vez que estes podem “formar-se e dissolver-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido (...), ser antes instáveis que estáveis ou, mesmo, ter existência regular, mas apenas periódica, ou seja, em alguns momentos...” (SOUZA, 2006, p. 87) podendo ou não ter o mesmo substrato natural.

⁷ Território enquanto “campo de força – teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade”. (SOUZA, 2008, p. 86).

1. A invisibilização do trabalho das mulheres na coleta do pequi:

A coleta do pequi pelas mulheres é uma atividade comum na APA da Chapada do Araripe. São os frutos da floresta os responsáveis pelo aumento da renda das famílias que, em geral, têm a agricultura e a criação de pequenos animais como fonte de renda. A atividade é desenvolvida levando em consideração as especificidades de cada comunidade, bem como suas tradições.

Uma das características observadas no extrativismo do pequi é o trabalho familiar, ou seja, todos os membros da família participam do processo, inclusive as crianças. Observou-se que por muito tempo houve uma naturalização do trabalho infantil, em parte devido ao valor cultural presente nas gerações que habitam nas comunidades rurais. O relato a seguir retrata bem essas questões:

“Eu tive aqui lá na serra e vi a coleta do pequi, então tinha a exploração da mão de obra que eu tenho certeza [...] inclusive tinha crianças da idade de sete anos, oito anos, com saco de pequi que eu fiquei imaginando como era que uma criança podia. Estavam até mesmo descalça”. Detalhe que a gente nota das crianças, hoje é proibido as crianças trabalharem. A gente bota entre aspas. Se esses pais não botam esses adolescentes pra trabalhar, seja lá de que forma for, da maneira deles sobreviverem, eles vão fazer o quê? Vão viver na vagabundagem”. (L. mulher)

Ressalte-se haver uma necessidade das mulheres em levar as crianças consigo. Vários fatores contribuem para esta realidade dentre eles encontramos: ausência de creches ou escolas em tempo integral, nas escolas regulares a demanda é maior que a oferta de vagas e dificuldade de socialização dos cuidados com as crianças.

É mais notória a presença de crianças no extrativismo do pequi nas comunidades do município de Jardim-CE, quando as pessoas constroem acampamentos à margem da estrada, no território da APA do Araripe, lá permanecendo do início ao fim da safra. Nos acampamentos, o cotidiano das famílias se altera bruscamente, ocorrendo o abandono temporário da escola pelas crianças e a conseqüente sobrecarga de trabalho para as mulheres, uma vez que estas ficam responsáveis pelo trabalho doméstico: cuidado com a alimentação, limpeza e organização do acampamento, além do trabalho produtivo: coleta, transporte, preparação e beneficiamento do fruto.

O volume de trabalho acumulado pelas mulheres escamoteia a enorme carga ideológica da divisão sexual do trabalho, cuja estrutura revela uma hierarquização de tarefas e de poderes na divisão das atribuições, necessitando um olhar voltado à análise das bases de construção das relações de desigualdade de gênero entre mulheres e homens nas comunidades rurais, e como estas se expressam no cotidiano afetando a vida das mulheres.

O extrativismo realizado pelas mulheres é uma atividade quase invisível, com pouco investimento das políticas públicas do meio rural. A fragilidade dessas políticas possibilita uma manutenção da situação de pobreza, comprometendo a cidadania das mulheres e naturalizando as relações de desigualdade. Assim, o não reconhecimento ou desvalorização do trabalho delas na coleta do pequi acarreta uma sucessão de situações que reproduzem e reforçam a divisão sexual do trabalho, entendida enquanto forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexos (KERGOART apud SORJ, 2008 p. 596-609). Neste contexto, o trabalho das mulheres teria menor importância e, portanto, haveria pouca ou nenhuma possibilidade para a socialização do trabalho doméstico, historicamente atribuído às mulheres, e, portanto, desprovido de valor e importância (SORJ, 2008, p 79).

Embora no município de Crato-CE os/as coletores/as não migrem sazonalmente, a reprodução da lógica de invisibilização do trabalho realizado pelas mulheres se expressa no tempo e no espaço uma vez que para a comunidade há um “registro memorial” (como uma espécie de zoneamento, a partir do qual se definem os locais a serem explorados por homens e mulheres). Assim, cabem às mulheres a coleta do fruto nos arredores de casa, na companhia dos/as filhos/as e de outras mulheres da família. No caso dos homens, estes saem em busca do fruto à noite, deslocando-se para lugares ermos na floresta, em grupos sempre homogêneos. É tarefa atribuída aos homens coletar o pequi à noite, preparar e mexer os tachos para a fabricação do óleo, transportar os produtos e seus derivados para a feira e administrar o dinheiro, em geral decidindo o que adquirir para a família. Aqui aparece a ideia de incapacidade das mulheres em lidar com a administração dos ganhos da família.

Mas as diferenças observadas perpassam os limites da territorialidade, partindo de um quadro mental para se reproduzirem como desigualdades. Nisso, estas diferenças se tornam parâmetros utilizados para determinar o trabalho leve e o mais pesado – assim, em geral, o trabalho noturno é reconhecido como produtivo, ou seja, que agrega

valor à economia familiar; já o das mulheres é considerado complementar ao da família, dessa forma, menos valorizado e se confunde com as demais ‘funções’ atribuídas a elas, por sua vez, consideradas extensões da casa, conforme afirma (ARAÚJO, 2003, P. 63-76).

Nos relatos dos grupos focais, observa-se que ao trabalho feminino não é agregado valor como ao masculino, sendo um discurso muitas vezes também utilizado pelas mulheres. Isto propicia uma análise não acerca da suposta inferioridade do trabalho feminino, mas, principalmente, sobre o peso da ideologia de gênero na vida delas, e como esta serve ao Capital.

Araújo (2003, P.71), em pesquisa acerca das mulheres nos assentamento rurais de Baraúna/NR, identificou depoimentos que afirmavam e/ou reforçavam o discurso de fragilidade e inferioridade das trabalhadoras rurais e a justificativa para a gerência dos recursos financeiros da família ser realizada pelos homens. A realidade não é diferente quando nos reportamos às coletoras de pequi. Em alguns relatos pudemos perceber que o universo das mulheres está permeado pela afirmativa de que elas são menos capazes ou não sabem administrar o dinheiro ou são frágeis. Esse discurso é revelador do poder e do peso que a ideologia de gênero expressa no cotidiano das comunidades.

Segundo Mézaros (2004, P. 57) toda a realidade está “impregnada de ideologia [...] quer a percebamos, quer não”, portanto não seria por acaso o não reconhecimento do trabalho das mulheres, nem tão pouco isso é fruto da normalidade. Dialogando com o autor, percebe-se uma sociedade dominada por um tipo de ideologia que escamoteia a realidade, ou seja, “em nossa cultura liberal-conservadora o sistema ideológico socialmente estabelecido e dominante funciona de modo a apresentar – ou desvirtuar - suas próprias regras de seletividade, preconceito, discriminação e até distorção sistemática como “normalidade”, “objetividade” e “imparcialidade científica” (MÉZAROS, 2004, p. 57).

Citando Saffioti (*apud* Araujo (2003, p. 71-72) afirma que “a força da ideologia da inferioridade das mulheres as leva a se considerarem fracas, mesmo quando realizam uma atividade tida, em seu contexto social, como pesada, a exemplo o trabalho com a enxada”.

É importante lembrar que em diversas comunidades rurais as mulheres fizeram e fazem o trabalho pesado na agricultura – arar a terra, cuidar de animais, transportar mercadorias, irrigar a plantação. Em não reconhecer este trabalho, sob o argumento que

o mesmo é leve, a sociedade invisibiliza a opressão sobre as mulheres e contribui para a sua manutenção, basta ver o relato das interlocutoras a seguir para identificarmos: a diversidade de atividades a elas atribuídas, a desvalorização do trabalho enquanto coletoras, a dificuldade das próprias mulheres em reconhecerem e valorizarem o trabalho na coleta, e o estigma de fragilidade feminina:

“Uma pessoa dessa corre o perigo de sair sozinha e se perde lá na serra que a serra num é que nem fosse uma coisa invisível, você vai encontrar outro local parecido, parece a mesma coisa, a vegetação é a mesma, o jeito é o mesmo. Então por aí é que a pessoa corre o perigo de fica lá muitas vezes esta muito ‘numblado’, você não se domina pelo sol, num sabe, num vê o sol pra se dominar” (M. Mulher).

“Ajudo meu marido desde muito cedo quando casamos. Criamos nossos filhos assim: na cata do pequi, na roça e eu lá, sempre ajudando. Acordava cedo pegava os meninos e ia embora pra serra, sempre perto de casa, já deixava tudo pronto e ele tava dormindo porque passava a noite trabalhando” (V. Mulher Santo Antonio).

“Uma serra dessas é uma benção pra essas famílias. De tudo a gente ainda tira o pequi, a fava danta. E é quando os homens trabalham mais, e as mulheres também. Tem mulher que trabalha até de noitinha catando pequi aqui na serra e é só chegar em casa que tem mais um monte de coisa pra fazer, porque serviço de casa num acaba é nunca” (M. L. Santo Antonio).

Até hoje as mulheres continuam desempenhando trabalhos que são considerados pesados. A falta de água nas comunidades do topo da Chapada do Araripe, por exemplo, faz com que mulheres e crianças desloquem-se por vários quilômetros a pé em busca de água, sobretudo quando os recursos das cisternas acabam. Nas comunidades rurais as mulheres são responsáveis por inúmeras tarefas pesadas. Nos lugares mais afastados do meio rural são elas e as crianças quem abastecem de água as residências, utilizando baldes postos sobre a cabeça e/ou ombros.

Outro aspecto, na coleta do pequi, o trabalho é realizado mesmo estando os/as coletores/as expostos às variações do tempo além de outros riscos. Faz-se necessário perceber que, embora as mulheres não colem o pequi à noite, existe ainda o risco de ataque de animais peçonhentos e espécies animais nativas. Justifica-se a preocupação com o horário noturno porque, segundo relatos, é o momento em que alguns insetos e animais estão em busca de alimentos, no entanto, isto não significa a eliminação dos diversos riscos existentes durante o dia. A questão aqui levantada é o valor que se atribui a atividade quando a associam à lógica de masculinidade, sob o argumento de maior exposição durante o horário noturno.

Parte da estruturação da ideia de fragilidade das mulheres é fruto da construção de uma retórica reveladora da ideologia de gênero presente no cotidiano da comunidade, uma vez que justamente o que é realizado pelos homens é reconhecido como trabalho pesado. Observou-se que o volume de frutos coletado pelas mulheres, no decorrer do dia, é equivalente ao trabalho dos homens, embora não se tenha meios capazes de mensurar, uma vez que todo o produto tem um destino comum na casa e não há nenhum controle. Assim, depositados no mesmo local, fica difícil dimensionar o quanto produtivo é o trabalho das mulheres.

Tarefas, como coletar o pequi durante o dia, preparar o produto para o fabrico de óleo e vender o produto nas feiras, são atribuições classicamente dadas como femininas, mas observa-se que estão mais diretamente ligadas ao que a sociedade convencionou chamar de trabalho feminino. A divisão de trabalho na coleta do pequi escamoteia a utilização da força muscular e reforça os estereótipos de fragilidade feminina, dessa forma a comunidade age como se as mulheres não lidassem com situações que necessitam do uso da força física como as mencionadas anteriormente.

Em todas as etapas compara-se o trabalho feminino na coleta do pequi ao das operárias nas fábricas, nas quais, por maior que seja o esforço dispensado, este surge como atribuições e não trabalho, ou seja, não obtendo o reconhecimento necessário em termos de salários.

Nos relatos das interlocutoras, é notório que as mulheres adaptaram-se à lógica da divisão do trabalho com os homens participando das etapas do trabalho produtivo, no entanto, o contrário não ocorre, evidenciando-se que o trabalho doméstico é considerado coisa de mulher:

“Mas eu sofri tanto minha gente que eu chegava uma hora, duas horas, três horas meus filho tava tudo escornado lá no chão esperando pra comer um bocado quando eu chegar. Porque? Porque era que eu inda ia botar dois caroços de feijão no fogo.” (E, mulher)

A realidade apresentada pelas coletoras de pequi no que diz respeito ao trabalho doméstico é a semelhante àquela observada no espaço urbano, uma vez que lá, também, não há uma partilha igualitária do trabalho doméstico, logo, assumindo os afazeres domésticos, as horas trabalhadas pelas mulheres aumentam e tal esforço não gera gratificação monetária e/ou de outra natureza.

Segundo Toledo (2001), o trabalho doméstico tem a função de reprodução da força de trabalho e se processa no lar. Dessa forma, ele é considerado um problema do

sistema capitalista, uma vez que o trabalho doméstico não sendo absorvido pelo capital garante a reprodução da força de trabalho, sem sequer ser considerado trabalho.

Como lembra a autora, a dupla jornada de trabalho é garantida no sistema capitalista com o retorno das mulheres às atividades reprodutivas, sendo que, para isto, o capitalista não desembolsa nada, ou seja,

“Do salário pago pelo capitalista para que a força de trabalho se reproduza se desconta o trabalho doméstico, aquele realizado no seio da própria família, e pelo qual o capitalista não desembolsa nada. O capitalismo explora a separação entre o processo de produção de mercadoria e o processo de reprodução de trabalho para, dessa forma, incrementar a extração da mais-valia (Toledo, 2001 P. 43)”.

Podemos afirmar que se o capitalista não paga pelo trabalho doméstico e o transfere como tarefa para as mulheres, destituindo-o de importância e significado é por força da ideologia que o mesmo é associado ao universo feminino.

Quando se trata da realidade rural, fica bem mais difícil perceber a dinâmica da invisibilização do trabalho doméstico e exploração da mão de obra feminina, tendo em vista o caráter “natural” que as relações familiares assumem no imaginário das comunidades. O campo mantém em suas estruturas os pressupostos de uma sociedade patriarcal e o cotidiano dos membros da família dialoga de perto com ensinamentos que dificultaram, por anos, uma reflexão e possível ruptura com tais estruturas dominantes.

Há aqui elementos socioculturais e político-econômicos que perpassam a organização comunitária. É também no emaranhado da estrutura político-ideológico que as mulheres encontram-se, nos limites das relações conflituosas de gênero que têm por base o patriarcado. Em acordo com Muraro, enquanto categoria de análise, “(...) o patriarcado não pode ser entendido apenas como dominação binária macho-fêmea, mas como uma complexa estrutura política piramidal de dominação e hierarquização, estrutura estratificada por gênero, raça, classe, religião...”(MURARO, 2002, p. 55).

Enquanto complexa estrutura política o patriarcado ampara-se na construção da ideia de inferioridade das mulheres, entretanto, como afirma MURARO (2001 p.55) “Essa dominação plurifacetada construiu relações de gênero altamente conflituosas e desumanizadoras para o homem e principalmente para a mulher”. Considerando assim o peso ideológico posto sobre o trabalho doméstico e outras formas de invisibilização do trabalho e do universo feminino, torna-se um grande desafio a tarefa de desconstrução da retórica elaborada pelo patriarcado ancorada nos fundamentos do sistema capitalista.

2. Trabalho e adoecimento das mulheres na coleta do pequi e a ideologia de gênero

Há preocupações com a condição de trabalho das mulheres nas comunidades rurais, e como é o caso aqui tratado, na coleta do pequi. Ressalte-se os esforços empreendidos pelas mulheres para deslocamento dos produtos até a casa que se soma à outros esforços e as condições e variações do tempo. Entretanto existem queixas que são muitas vezes consideradas genéricas ou difusas demais, e que, na maioria das vezes não são consideradas pelos profissionais de saúde.

Outros aspectos como a precariedade sanitária nos locais das feiras livres, que em geral, não dispõem de estrutura de banheiros públicos são ainda apontados como fatores de adoecimento das mulheres;

“Diz muito a questão da reflexão da saúde, a gente vê aí as condições realmente de trabalho são péssimas, as condições de tá sentada quando chegar de noite tá toda doída (E.mulher, Baixa do Maracujá). Claro que diz, não, se acostuma. A gente se acostuma, o povo diz o sofrimento se acostuma. Então tá aí nas condições precária se a gente olhar tem gente ali vendendo óleo descalça, então as condições de saúde são péssimas, a sorte é que o pequi é coberto, porque se num fosse, estava tudo totalmente contaminado”. (E.mulher, Baixa do Maracujá)

As condições de trabalho das mulheres em todas as etapas do processo produtivo são preocupantes, observa-se o grau de exposição destas na floresta. Em nenhuma situação foi observado o uso de equipamento de proteção individual, para a coleta do pequi. O equipamento poderia contribuir para evitar possíveis ataques de animais peçonhentos e/ou a acidentes com os galhos de árvores.

O contínuo esforço para conduzir o pequi para casa contribui para sobrecarregar a coluna e provoca problemas de saúde que se manifestam a partir de dores lombares, varizes nas pernas, incômodo nas pernas e pés e até relato de cefaleia.

“Carregar lata d’água na cabeça, lenha, filhos, pegar muito peso, trabalhar abaixada por horas numa roça, tudo isso é feito lá na serra e as mulheres que fazem. Só pode é adoecer mesmo.” (A. mulher).

As queixas de dores nas costas e pernas são frequentes, devido a posição em que as mulheres ficam. O fato de ficarem agachando e levantando para apanhar o fruto é

apontado como outro condicionante para dores nas pernas e no dorso. Em geral, elas dizem que à noite, quando vão se deitar, é que sentem as dores mais fortes:

Eu pra me deitar, me deito à força e pra me levantar fica pior. E pra andar [...] vim meu andado sozinha com essa menina, elas tudo lá na frente e eu atrás, batatando que nem cego. De quê? De sofrimento que eu passei, mas toda vida eu usei minha rocinha, catei pequi, plantei, pra mim ter o que dá pros meu filhos. (E. mulher, Baixa do Maracujá)

Tem mulher que bota um balaio cheio de pequi na cabeça e tudo isso prejudica a saúde das mulheres, é muito peso pra ela e o corpo não aguenta, e todo dia é assim. Num vai deixar o pequi lá. (S. mulher)

Realmente as queixas maiores são à noite, a gente passa o dia todo pra lá e pra cá e quando a gente se deita, nem dorme porque não consegue, vai dormir como, com tanta dor? (V. Mulher, sítio Santo Antonio)

Além disso, a descasca do pequi exige que a pessoa permaneça todo o seu tempo agachada ou, quando muito, sentada em algo baixo que viabilize o manuseio dos frutos com rapidez.

Pelas falas das interlocutoras nos grupos focais é perceptível a preocupação das mulheres com a saúde, no entanto, nota-se que no momento da consulta, nem sempre estas relatam aos profissionais de saúde os fatores que as levam ao adoecimento, parte porque não têm clareza dos sintomas ao ponto de fazer uma associação entre o trabalho e a doença. Por outro lado, percebe-se que há limitações em relação ao tempo da consulta que muitas vezes nem excede dez minutos.

Nos relatos dos grupos também foi possível verificar que, diante dos problemas de saúde, muitas pacientes são tratadas com medicamentos, sem a investigação das origens das queixas, não se analisa se os sintomas relação com as condições inadequadas de trabalho das mulheres.

Barreto (1998, p.64) faz uma relação entre ao adoecimento e o trabalho das mulheres, incluído aí o trabalho doméstico. Para a autora o excesso de horas trabalhadas, os turnos de trabalho, o ritmo intenso contribuem para o adoecimento dos trabalhadores. Mas, no caso das mulheres, ao acrescentar o trabalho doméstico a possibilidade de reposição das energias diminui.

No meio rural, as doenças mais comuns têm vínculo com as condições do tempo, exposição a ataques de animais, excesso de peso, trabalho de levantar e abaixar o corpo, manuseio de equipamentos como enxadas e a lida com animais.

No quadro abaixo observamos os tipos de exposição e seus efeitos. Para construção do mesmo utilizou-se uma adaptação do modelo de construção de

indicadores em saúde e ambiente - FPSEEA -utilizado pela Organização Mundial de Saúde – OMS.

Quadro 01: doenças mais presentes no trabalho rural- Situação Exposição-Efeito- FPSEEA

Pressão	Exposição	Efeito
Trabalho rural	Exposição a umidade	Gripe e reumatismo
	Calor	Insolação, desidratação
	Animais peçonhentos	Necrose de tecidos por peçonha
	Agrotóxicos	Intoxicação
		Edemas
		Envenenamento
	Carregar peso (carregar água e lenha, balaio com pequi)	Problemas de coluna e varizes
		Cefaleia
	Trabalhar levantando e abaixando o corpo	Edemas nos membros inferiores
	Trabalhar de coleta e transporte pequi	
Lidar com animais grandes e ferramentas desproporcionais.		

Fonte: Dados coletados nas entrevistas

Outros problemas de saúde foram apresentados como abortamento - citado por 3-10 (três relatos num grupo de 10 das mulheres) e até sofrimento psíquico citado por 7-10 (sete relatos num grupo de 10 das mulheres). Sobre os casos de abortamento não foi possível estabelecer um comparativo com os dados do município. Já os casos de sofrimento psíquico surgem nas narrativas de profissionais de saúde quando tratam das mulheres políqueixosas⁸. A frequência das mulheres em unidades de saúde com múltiplas queixas de dores sem causa aparente é um aspecto comum em casos de violência doméstica⁹, cujas vítimas apresentam aspecto semelhante aos do stress.

Araujo (2004, p.50) expressou por meio da matriz de indicadores FPSEEA, os efeitos da persistente relação da desigualdade de gênero para vida das mulheres, dentre

⁸ Terminologia utilizada por profissionais de saúde que se refere à variedade de queixa que as pacientes apresentam.

⁹ Violência doméstica contra mulheres e a atuação profissional na atenção primária à saúde: um estudo etnográfico em Matinhos, Paraná, Brasil. Marcos Claudio Signorelli; Daniela Auad; Pedro Paulo Gomes Pereira. On-line version ISSN 1678-4464

os quais se destaca: o medo, sentimento de culpa, problemas de saúde -queixas difusas - e existência de agravos na saúde das mulheres.

Quadro 02: doenças mais presentes no trabalho rural- Força Motriz-Pressão-Estado-Exposição-Efeito- FPEE

Força Motriz	Pressão	Estado	Exposição	Efeito
Relações de desigualdade de gênero no campo	Condição de vida das mulheres	Existência de forte machismo no campo; A voz da mulher não é ouvida.	Uso de práticas violentas para submeter as mulheres às diversas situações, mesmo tendo grande conhecimento da realidade.	Violência contra a mulher; Baixa autoestima; Comprometimento do papel de liderança feminina.
		Cerceamento da liberdade; A violência contra a mulher é constante e atinge as crianças; Falta de comunicação com os pais expõe a violência.	Os maridos ou companheiros não permitem que a mulher trabalhe; Mulheres e crianças são constantemente vítimas de violência.	Medo/desespero por parte das mulheres; Existência de agravos na saúde mental; Medo: mulher sofre calada; Sentimento de culpa.
		Naturalização da violência de gênero, sexista e doméstica.	Ideia de que “em briga de marido e mulher ninguém mete a colher” – omissão da sociedade.	Culpa, medo, vergonha, baixa autoestima; Somatização de problemas de saúde – queixas difusas.
		Associações são comandadas por homens.	As mulheres são impedidas pelos fatores de gênero a assumirem cargos maiores de decisão.	Falta de oportunidade para as mulheres; Discriminação/preconceito de gênero e raça Falta de empoderamento das mulheres.

Fonte: Fundação Araripe/Ministério da Saúde Araujo (2004, p.50)

Embora os indicadores não digam respeito à realidade específica das mulheres coletoras de pequi – abordam de forma genérica a situação das mulheres nas áreas de floresta- os mesmos dialogam com os relatos das interlocutoras. É urgente a propagação do uso de equipamentos de proteção para as coletoras, bem como alternativas que possibilitem o alívio dos danos causados à saúde, o reconhecimento das atividades desenvolvidas por estas, bem como a visibilidade de seu papel na sociedade. Entretanto as ações não podem estar desvinculadas de profunda reflexão acerca das relações de gênero e sua consequência na vida de homens e mulheres.

3- Algumas considerações

A pesquisa aponta diversas situações que remetem a uma maior e urgente reflexão acerca da vida das mulheres coletoras de pequi na APA do Araripe, aspectos como: invisibilização do trabalho produtivo e do trabalho doméstico são aspectos presentes nas formas de socialização das mesmas, a partir de uma ideologia que enaltece o masculino e submete as mulheres a uma realidade de opressão. Segundo Sorj (2008, p. 79) uma divisão mais igualitária do tempo de trabalho entre mulheres e homens necessita de algumas mudanças, dentre elas, a regulação do mercado de trabalho e a divisão do trabalho doméstico igualitariamente entre mulheres e homens.

Outras questões também são fundamentais para a melhoria da vida das mulheres: incentivo à organização de grupos de mulheres envolvidas no extrativismo do pequi para tratar de temas; adoção de ações e políticas públicas de educação contextualizada para as comunidades da APA do Araripe que levem em consideração o seu contexto socioeconômico e cultural; articulação para o trabalho de educação ambiental com as mulheres e os coletores em geral; fomento à prática do extrativismo do pequi pelas mulheres, com incentivo de linhas de crédito específico para as mulheres coletoras de pequi e outros produtos não madeireiros e capacitação e formação/capacitação; melhoria da disponibilidade de saúde da família com ênfase em saúde da mulher para as comunidades rurais da APA do Araripe, discussão ampla sobre a questão fundiária com as comunidades, e, incentivo à pesquisa sobre o beneficiamento do pequi e seu aproveitamento.

Referência Bibliográfica

ALVES, Flamarion Dutra. **Considerações Sobre Métodos e Técnicas em Geografia Humana**. In: Revista Dialogus, Ribeirão Preto, V4, n.1, 2008.2008.

ASSUNÇÃO, Lorraine Wenzel; **Babinski**, Luciana Raquel. **Turismo sexual no brasil: causas e efeitos ao turismo brasileiro**. I Seminário Semintur- Saberes e fazeres no turismo: Interfaces. Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL. Centro Universitário La Salle- Unilasalle/Canoas- RS, 2010.

ARAGÃO, Raimundo Freitas. **Racionalidade Turística e Ressignificação do Espaço Cearense**. In: SILVA, J. B. da, DANTAS, E. W. C. ZANELLA, M. E. MEIRELES, A J de A (ORG). **Litoral e Sertão: natureza e sociedade no nordeste brasileiro**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.

ARAUJO, Maria de Lourdes Góes. **Floresta do Araripe: construindo o sistema de vigilância em saúde em áreas de floresta**. X Semana Universitária; XI Encontro de Pesquisadores. Centro de Ciências da Saúde-UECE, 2005.

ARAUJO, Maeia de Araujo. **A invisibilidade do trabalho das mulheres na produção em assentamentos rurais de Baraúna/RN**. In Mulheres e Desigualdade de Gênero/organizado por Marília Pinto de Carvalho e Regina Pahim Pinto. São Paulo: Contexto, 2008.

BARRETO, Margarida, CARLOTO, Cássia Maria, COSTA, Maria Luiza da. **Saúde das Trabalhadoras**. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista – SOF, 1998.

CORRÊA. Roberto Lobato. **Espaço: um conceito-chave em Geografia. Geografia: Conceitos e Temas**. CASTRO, Iná Elias, GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato. 8ª Ed. – Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2006.

HARVEY, David. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

KERGOAT, Daniele. **Novas Configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de Pesquisa. V. 37, nº 132. São Paulo: Fundação Carlos Chagas.

MINAYO, Maria de Souza (org); **O desafio do Conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde**. organizadores David Capristano Filho, Emerson Elias Mery, Gastão Wagner de Sousa Campos; José Rubens de Alcântara Bonfim. São Paulo – Rio de Janeiro: HUCITEC. ABRASCO, 1992. 269 P.

MINISTERIO DA SAÚDE. **Saúde Ambiental: Guia Básico para construção de Indicadores**. Consulta em 20 de junho de 2017. http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/saude_ambiental_guia_basico.pdf.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 6º ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

MURARO, Rose Marie & BOFF, Leonardo. **Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

RODRIGUEZ, José Manuel Mateo (org). **Geocologia das Paisagens: uma visão geossistêmica da análise ambiental**. José Manuel Mateo Rodrigues, Edson Vicente da Silva e Agostinho Paula Brito Cavalcanti. Fortaleza: Editora UFC, 2004.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo. HUCITEC, 1976.

_____. **O Espaço dividido**. Rio de Janeiro. Hucitec, 1979.

_____ **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional.** São Paulo. HUCTEC, 1994.

SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (organizadores). **Territórios e territorialidades:** teorias, processos e conflitos. 1.ed.-- São Paulo : Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.

SILVA. Antonio Carlos da. **Geografia e Lugar Social.** São Paulo: Contexto, 1991. col. Caminhos da Geografia.

SORJ, Bila. **O Trabalho Doméstico e de Cuidados:** novos desafios para a igualdade de gênero no Brasil. In Trabalho Doméstico e de Cuidados: Por outro paradigma da sustentabilidade da vida humana/ organização Maria Lucia da Silveira e Neuza Tito. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista – SOF, 2008.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. **O Território:** Sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. **Geografia:** Conceitos e Temas. CASTRO, Iná Elias, GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato. 8ª Ed. – Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2006.

TRAD, TRAD, Leny A. Bomfim. **Grupos focais:** conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. In Physis Revista de As´de Coletiva. On-line version ISSN 1809-4481.

TOLEDO, Cecília. **Mulheres:** o gênero nos une, a classe nos divide. São Paulo: Xamã, 2001.